

# ESTRATÉGIAS DE ENCARECIMENTO NA NARRATIVA DA BATALHA DO SALADO

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Âmbito e objectivo do estudo

O propósito deste trabalho é o de analisar as marcas de um processo significativo na formação discursiva <sup>1</sup> que integra o relato da batalha do Salado. A consistência de tal processo, que cobre as várias formas disponíveis, à época, para efeitos de superlativação e encarecimento, delimitando um texto com forte coesão interna, faz prever que um estudo alargado a outras marcas / fragmentos do *Nobiliário do Conde D. Pedro* possa ter resultados conclusivos no que diz respeito à existência de um conjunto de textos aparentados, que se supõem obra de um refundidor anónimo.

A escolha de um texto considerado, a vários títulos, exemplar, se bem que limite o âmbito do trabalho, sugere, pelos resultados que permitiu, uma hipótese de estudo — a de estender esta leitura seja a outras narrativas dos *Livros de Linhagens* seja a outras práticas discursivas que a prosa medieval sustenta, começando pelos relatos de batalhas em cronistas como Fernão Lopes.

Estudar a frequência e o peso dos processos de encarecimento utilizados na narrativa da batalha do Salado teve como objectivo verificar a sua adequação à intencionalidade discursiva, atribuindo-lhes significado, o

---

<sup>1</sup> Na acepção de que se serve D. Maingueneau, na esteira de Michel Foucault (Vd. MAINGUENEAU, D. — *Nouvelles tendances en analyse du discours*, Paris, Hachette, 1987).

que, neste caso, nos levará a concluir sobre a sua função apologética, enquanto marcas de reforço da ideologia que o discurso reflecte.

## 1.2. A história do texto

O texto que narra a «lide de Tarifa», mais conhecida por batalha do Salado, pertence ao *Terceiro Livro de Linhagens*, atribuído ao Conde D. Pedro. Trata-se de um episódio da vida de D. Álvaro Gonçalves de Pereira, Prior dos Hospitalários portugueses, cuja biografia aparece no Título XXI do Quarto Livro, sendo depois imprevistamente suspensa com uma alusão à batalha («em este tempo, pouco ante, se fez a lide de Tarifa»), a que se segue a genealogia de outro ramo dos Pereiras. Curiosamente, é na versão já referida, a do *Livro Terceiro*, que aparece a narrativa do Salado, seguindo-se-lhe a conclusão da biografia do Prior.

Segundo os especialistas, a batalha teria ocorrido a 30 de Outubro de 1340. A data provável da redacção deste texto situa-se entre 1373 (ano da morte do Prior, dada como já acontecida no texto) e 1383 (ano da morte de D. Fernando) <sup>2</sup>, em qualquer caso posteriormente à morte do Conde D. Pedro, sucesso que remonta a 1354. Teremos de admitir que vários destes textos do *Nobiliário* do Conde D. Pedro, quase todos razoavelmente extensos, terão resultado de uma refundição cujo autor, de quem não temos notícia, possuía uma mestria sem par na prosa desse tempo.

Esta é a tese sustentada por A. José Saraiva, em *O autor da narrativa da batalha do Salado e a refundição do livro do Conde D. Pedro*. E embora esteja fora do âmbito deste trabalho verificar se — e até que ponto — as conjecturas que esse estudo apresenta resistem a uma análise mais funda, a verdade é que os argumentos invocados têm uma coerência lógica (todos os episódios supostamente da mesma autoria têm em comum a ligação, seja por que via for, à vida do Prior), ainda que os exemplos aduzidos sejam ora mais ora menos flagrantes — está neste último caso a particularidade do emprego do qualificativo «estremado» que, a meu ver, se não presta a qualquer tipo de identificação estilística, aparecendo noutros textos da época, nomeadamente em F. Lopes e na *Crónica Geral de Espanha*.

---

<sup>2</sup> Vd. SARAIVA, A. José — *O autor da narrativa da Batalha do Salado e a refundição do livro do Conde D. Pedro*, «Boletim de Filologia», Tomo XXII, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1971.

Neste trabalho, A. J. Saraiva releva alguns traços desta inesperada narrativa, mostrando, pelo confronto com outros textos, nomeadamente do Título XXI, que «não está tão isolada como à primeira vista parece, antes pertence a um conjunto que (...) tem uma personalidade própria dentro do Nobiliário do Conde D. Pedro»<sup>3</sup>. Tais textos teriam em comum, para além da sua evidente qualidade literária, uma aparente unidade de estilo e o facto de relatarem feitos de algum modo ligados aos antepassados de D. Álvaro Gonçalves. Mas, se é verdade que a técnica narrativa utilizada na batalha do Salado parece projectar-se noutros textos, em que o domínio de construções sintácticas complexas, a capacidade de visualização do autor, a vertente dramática, a construção atenta da subjectividade das personagens e o dinamismo eficaz das falas, frequentemente reveladoras das ideologias em confronto, se conjugam, prestando-se a essa aproximação, não podemos esquecer que as diferentes fontes dos acontecimentos narrados e a natureza específica dos assuntos influenciam os moldes e o tom predominantes nos textos.

Para a diversidade de origem dos episódios narrados contribuem fundamentos históricos, mais ou menos aureolados de fantasia, lendas, influências várias dos romances de cavalaria. José Mattoso considera mesmo existirem, no Título XXI, muitas narrativas «ampliadas ou inteiramente forjadas pelo seu refundidor»<sup>4</sup>. É que no entrelaçar de elementos históricos com outros, fictícios, emergem por vezes adaptações de passos de obras célebres como *A demanda do Graal*, a *Canção de Rolando* ou o *Amadis de Gaula*.

No entanto, abstraindo de tal diversidade, poder-se-á dizer, numa perspectiva globalizante, que os textos que se presume serem obra do refundidor reflectem a mentalidade aristocrática, os ideais de cavalaria, e constituem, pelo seu valor documental, um exemplo imprescindível para o estudo da prosa medieval.

Há, aliás, uma questão curiosamente posta por António José Saraiva nestes termos: «Existiu em Portugal uma épica medieval do tipo da castelhana, como Menéndez Pidal a estudou e caracterizou?»<sup>5</sup> O autor centra o seu trabalho na tradição épica de Afonso Henriques, mas não deixa de referir a convicção de que nessa tradição épica se integrariam vários textos, nomeadamente a lenda do rei Ramiro e o relato da batalha do Salado.

<sup>3</sup> *Op. cit.*, p. 2.

<sup>4</sup> *As fontes do nobiliário do Conde Dom Pedro*, Lisboa, 1977, p. 57.

<sup>5</sup> *A épica medieval portuguesa*, Biblioteca Breve, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, p. 9.

De facto, creio que alguns dos textos referidos se prestariam a uma análise sob esse ponto de vista, até porque se singularizam por uma tensão entre o real e o maravilhoso, por uma eloquência bem marcada, por uma exaltação de valores, pela heroificação de personagens, pelo tom apologético. E se bem que o objectivo específico do meu trabalho não permita configurar senão um dos dados que nesse sentido apontam, útil será não perder de vista a possibilidade, ora deixada em aberto, de inserir esta contribuição num estudo mais amplo, que o equacionar da questão, nos termos referidos, inequivocamente sugere.

## 2. A LOGICA INTERNA DO TEXTO

«Não se pode deixar de admirar a arte do Autor, quer se considere o conjunto narrativo, quer o pormenor estilístico, quer os discursos, quer as personagens, quer o ritmo geral, quer a particularização táctica e topográfica»<sup>6</sup>.

Sendo a intensidade um facto da língua que pode ocorrer a vários níveis, o seu valor nocional genérico cobre, de forma completa, o alto grau de uma qualidade ou de um processo, a insistência num ou em vários elementos, o reforço de uma afirmação, a valorização quantitativa.

Já a superlativação, como gradação de intensidade, exprimindo o alto grau de uma qualidade, se situa, pelo menos em princípio, num terreno menos vasto, na medida em que só os adjectivos, advérbios e verbos admitem tal valor.

Tais distinções são, no entanto, pouco pertinentes, até porque, se é verdade que permitem separar processos de diferente natureza, convém não esquecer que tais processos funcionam no mesmo sentido, não se materializando de modo puramente objectivo, antes se assumindo como reflexo de intenções que interessará apreender, determinando o seu significado.

Por outro lado, ao relevar, no texto, os elementos linguísticos que funcionam como índices de intensidade, pude aperceber-me de que raramente ocorrem isolados; na maioria dos casos, há projecções de sentido, acumulação de elementos, sobreposições e reforços múltiplos que só vêm acentuar o facto (já previsível numa primeira leitura) de todo o texto possuir

---

<sup>6</sup> SARAIVA, A. José — *Op. cit.*, p. 1.

uma dimensão de intensidade cujos processos se integram num enquadramento que conclui ser de ordem ideológica.

Na fase do português que o texto documenta, a língua não dispunha de uma forma superlativante muito expressiva — o superlativo absoluto sintético. Tal fenómeno, aliás comum à maioria das línguas românicas<sup>7</sup>, não parece ter afectado a capacidade de exprimir a intensidade, o que facilmente se infere de qualquer *corpus* de textos medievais. De que meios dispunha então o português para valorizar qualidades, acções, circunstâncias, processos?

Superlativação, intensificação, valorização, relevo, ênfase ou encarecimento são formas de referir um processo que, no texto, cobre a repetição, a exclamação, a gradação, a quantificação, a subordinação consecutiva, a oposição, alguns tipos de correlação, o reforço semântico de determinadas unidades, nomeadamente advérbios e adjectivos, e algumas figuras de retórica.

Ora, tratando-se de um texto de relativa densidade e extensão<sup>8</sup>, conviria ver como e com que incidência se cruzam todas essas expressões que satisfazem a mesma linha de encarecimento, detectando também o significado da sua maior ocorrência em momentos considerados determinantes ou culminantes da acção.

## 2.1. Os momentos da narrativa

A narrativa desenvolve-se em quatro momentos distintos, a saber:

1 — ordenamento das hostes e preparação da batalha: particularização táctica e topográfica; explicitação das motivações ideológicas para os portugueses — discurso do rei D. Afonso IV; predição de D. Álvaro — os portugueses venceriam primeiro, graças à «uera cruz do marmelar»;

2 — o desenrolar da batalha, nos seus vários momentos e locais: do equilíbrio aparente de forças ao enfraquecimento gradativo dos portugueses, até à exaustão; a intervenção do maravilhoso, mediatizada pela fé na «vera

---

<sup>7</sup> Este superlativo latino viria a reaparecer nessas línguas por influência do italiano, que primeiro o adoptou.

<sup>8</sup> Cf. *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores, Os Livros de Linhagens*. O texto ocupa 264 linhas largas, com vários espaços respançados.

cruz»; o cumprimento da profecia de D. Álvaro; o papel esforçado dos castelhanos, noutro plano da batalha, e a ajuda que os portugueses, já vitoriosos, lhes vêm prestar; entre os árabes — a consciência da desgraça; o salvamento da «az do coral»; a noção de honra; a versão dos acontecimentos «contra natura» que haviam conduzido à vitória dos portugueses; o abandono do campo e a passagem para África;

3 — as aventuras sucessivas para que el-rei Albofacem, em África, é fatalmente arrastado, adiando-lhe o regresso e a vingança desejada, até que tal projecto vem a ser anulado, de forma definitiva, pela sua morte;

4 — conclusão — justificação religiosa para a batalha do Salado; justificação para o facto de se louvarem os cristãos de forma não individualizada; conclusão da biografia do Prior D. Álvaro de Pereira.

As duas primeiras partes ocupam, no texto, um espaço mais de seis vezes superior ao das duas últimas, sendo que a segunda, significativamente mais longa, cobre, no espaço gráfico da narrativa, um número de linhas que é mais de duas vezes superior ao das outras três no seu conjunto.

Por outro lado, os momentos que antecedem a batalha — entre os mouros, o ordenamento da «az do coral» como defesa; entre os cristãos, bipartição das tropas castelhanas e portuguesas, o que, por sua vez, motiva a distribuição das hostes muçulmanas — e o desenrolar da lide, em vários planos sucessivos — luta entre os portugueses, comandados por D. Afonso, e os mouros, às ordens de Alcarac; entre as tropas d'el-rei de Castela e as de Albofacem; retirada inglória dos mouros e retrospectiva dos sucessos — englobam os pontos em que o discurso atinge um carácter mais subjectivamente marcado, mais assumidamente valorativo.

## 2.2. A intensificação como reforço ideológico

2.2.1. Assim, no primeiro momento, constituído pelas cinquenta e duas primeiras linhas do texto, são valorizados o número e o ordenamento dos mouros e o discurso de D. Afonso aos fidalgos portugueses.

A referência insistente à «az do coral», no início do texto, não deixa de ser significativa, no sentido de que essa reiteração neste momento poderá ligar-se à importância de que tal defesa se vai revestir no fim da batalha, quando ao seu seio ocorrem os mouros em fuga, sendo este o último reduto, o que dos árabes se salva.

Mais curiosas são as expressões relativas ao aparato das hostes muçulmanas. A intensificação resulta da enumeração («os campos e uales e montanhas»; «espanhoes e francezes e alemaes e ingleses»), da quantificação existencial («os mais dos christãos... muytos... outros...») e universal («todos»), da intensidade adverbial («tam fremosamente ordnhados»; «bem era de pensar»), da modalização verbal («outros tiinham que (...) faziam parecença de fantasmas»), da expressão hiperbólica («nam podia auer en todo africa nem en asya»; «posto que todos espanhoes e francezes e alemaes e ingleses ali esteuesem que aueriam lides pera VIII dias»), do encarecimento que as orações consecutivas igualmente veiculam.

Se tomarmos agora o discurso de D. Afonso, que resume as motivações da aristocracia portuguesa medieval, apelando ao seu sentido de honra, à necessidade de respeitar o exemplo dos antepassados e de salvaguardar os privilégios da descendência, ao bom nome que a coragem nesta batalha lhe granjeará, havemos de concluir que outros recursos se vêm acrescentar aos já citados: a repetição enfática («sabedes bem en como... e em como... e em como...», «por... e por... e...»), por vezes pleonástica («os uosos auos donde descendedes»; «oie este dia»), outras vezes sob forma de insistência verbal («fiz aquilo que estes reis fezerom»; «de husardes do que husarom»); a sequência temporal («El Rei dom afonso anrequiz... os Reis que depos el ueerom... Eu depois que uiim...»); a oposição e outros efeitos retóricos («e nom tam solamente... mais...»); a selecção lexical valorativa («gram seu trabalho»), a locução adverbial que finaliza o excerto («seeram saluos e nomeados pera sempre»).

2.2.2. Mas é no segundo momento que tais efeitos se tornam mais sensíveis, seja graças à sua densidade e frequência, seja por via de uma dramatização evidente em dados passos, nomeadamente os que constituem imprecções directas a Deus, sob forma de apóstrofe.

Assim sendo, se atendermos ao facto de tudo parecer orientar-se no sentido do encarecimento do papel dos portugueses, perceberemos não só ser este o momento culminante da acção (e isto porque a força dos portugueses é que é determinante para o desfecho, accionando um *volte-face* que se adivinha desde logo irreversível), como a ligeireza atribuída ao experimentado Alcarac, na sua avaliação dos nossos («ca el en pequena ora uenceria aqueles cristaãos e seeria logo com el»), como ainda o facto de a atenção do narrador privilegiar este momento, quer na focalização dos seus lances decisivos, na planificação cinética, quer no apuramento estilístico. O que explica, afinal, toda a lógica do texto, cujo pretexto é, como já disse, a

biografia de D. Álvaro. Ora a intervenção deste na batalha tem a ver com a profecia que dirige ao rei D. Afonso: «E nom dultedes que pela sua uertude, e por os boos fidalgos uosos naturaes que aqui teedes auedes de uencer estas lides, e uós auedes de uencer primero». Daí o valor simbólico da «uera cruz», que se ergue quando tudo parece já perdido<sup>9</sup>, como que para cumprir as palavras de D. Álvaro. Daí também a versão fantástica que Alcarac dará dos acontecimentos, certificada, aliás, pelos mouros que os haviam presenciado, e de que o rei Albofacem descê, «ca som contra natura». Daí finalmente a justificação religiosa que o narrador atribuirá, na conclusão do texto, à vitória dos cristãos, antes de retomar e rematar a biografia do Prior.

Não me restam dúvidas de que o acelerar do processo de encarecimento, cujos elementos se multiplicam neste segundo momento — o desenrolar da batalha — corresponde a essa lógica interna do texto.

Nesta ordem de ideias, bastaria ler atentamente a parte dedicada ao papel desempenhado pelos portugueses e, em contraponto, a versão de Alcarac e a invocação de Albofacem ao seu deus, para se poderem tirar algumas das ilações mais conclusivas.

Uma delas diz respeito à frequência da subordinação consecutiva. De vinte e nove exemplares de orações desse tipo que ocorrem ao longo do texto, treze prendem-se com a batalha em que intervêm os portugueses e seis integram-se no reconto que dela faz depois Alcarac a Albofacem.

De modo mais ou menos sugestivo, tais orações vão dando forma a algumas ideias insistentes, como seja:

a) a dureza da batalha, para que concorre o desempenho de ambas as partes, que assume uma grandeza inenarrável: «assi que o aficamento era tamanho de todas partes que home nom poderia mostrar»;

b) o dinamismo e fragor da luta, expressos por sugestões ora de carácter visual e cinético («Aos huuns dauam azagayadas, os outros de lançadas a manteneute e os outros a espadadas e os outros de frechadas darcos torquies que eram tam espesas que tolhiam o Sol»; «e fenderonnos que os huuns partirom a huma parte e os outros aa outra»), ora visual cromático («ali se renouou a lide muyto aficada asi que as muyto aluas lorigas e as eruas do campo eram naquel logar coloradas del»), ora auditivo

---

<sup>9</sup> «Hora como assi seja, que antre todallas cousas em que o devinall poderio veemos que mais rresplandeçe assi he naquellas que de todo ponto som desesperadas.» — LOPES, Fernão, *Crónica de D. João I*.

(«E os gritos deles e das trombas e anafiis e daltancaros e atauaques e gaitas asi reteniam que parecia que as montanhas se areygauam de todas partes»);

c) o enfraquecimento dos portugueses: «Estando em este aficamento qual ouuides os nembros com que auiam de ferir lhis enfraqueciam assi que os nom podiam reger senom muy grauemente. As uozes deles eram bayxas e tam mudadas que se nom entendiam huuns a outros»; «Os cristãos eram tam fóra de força por o gram trabalho que receberom aquel dia e por o muyto sangue que perderom que os nembros nom podiam reger»;

d) e, por oposição a tal fraqueza, a sua desmesurada força, depois do aparecimento da cruz: «Os caualeiros eram tam uiuos e tam esforçados e os caualos tam ligeiros que hu queria chegar e ferir logo hi eram. Os golpes deles eram taaes que o poynhem sas espadas nom auya hy mais mester meestre».

A inversão de forças devida à graça que da cruz emana é ainda marcada pelas sugestões cromáticas em duas alusões ao sangue que alastra e tinge tudo em redor; antes do aparecimento do símbolo milagroso, o «muyto sangue» que corre é o dos portugueses («E os X mil caualeiros dalaraues... asi que as muyto aluas lorigas e as eruas do campo eram naquel logar coloradas del»), mas depois é o dos mouros («as espadas que tragiam eram muyto aluas, ali se tomarom uermelhas com sangue, e coría pelos manipulos dêlas lorigas ataa os cotouelos pelos muy grandes golpes que se ali faziam»).

Outro sinal da mudança operada pela cruz pode ler-se na atitude dos portugueses, «que estauam iá muyto esmahados por a força que perderom» mas que «logo em si sentiron que a graça de deus era com eles porque se acharom aquela ora ualentes e esforçados come en começo da lide».

Outras oposições explicitam ainda, de forma antitética, essa força sobrenatural: «Ali se mudou a aventura que estatua de choro e de lagrimas e de gran lastima e amargura a toda a cristaidade e tornôse em toda lidice e em todo goyuo».

Desde o início das lides, o discurso directo percorre o texto, primeiro do lado dos portugueses e depois, uma vez consumada a vitória destes, do outro lado da linha, entre os mouros. Muitas dessas intervenções não fazem mais do que acentuar as linhas de força que, no plano ideológico, se vieram esquematizando a partir do discurso de D. Afonso e para as quais se constrói uma vincada insistência, pelo concurso das formas de encarecimento que vimos apontando.

Assim é que, no campo dos cristãos portugueses, exceptuando um curto diálogo entre três cavaleiros e D. Álvaro, em que este é informado, em termos recriminatórios, do que se passava, e logo reage, aflito, as restantes intervenções relacionam-se directamente com as motivações senhoriais e religiosas. Duas delas funcionam como incentivos verbais que os cavaleiros se lançavam, no início da batalha, pois «seu feito deles era auerem mãos e lingua esforçandose huuns a outros» («Senhores este he o noso dia... toda crueldade»; «Senhores nenbradenos... sa fé»). Outra das falas é uma interpelação amarga a Deus, no momento que «foy aos cristaãos descoridooe damargura de gemidos» («Senhor porque... toda a cristaidade?»). Logicamente, a última, depois da intervenção da cruz, será de graças a Deus: «Senhor ihesu christo louuado he o teu nome ca asi praz a ti... ca oie o teu nome seerá espargudo e nomeado antre todas as gentes do mundo».

São depois focadas as hostes mouras, e entre estas o discurso directo assume momentos de grandeza dramática, nomeadamente nas falas de Albofacem e, muito em especial, no momento em que assiste à retirada dos seus, quando, depois de se dirigir ao seu deus («Ay deos poderoso, ay deos uencedor, porque deseparasti este uelho coytado de présa de mezquiidade, coberto de mingua de uergonha sobre todos os reis do mundo? Ay uelho, oie perdiste o teu nome que auias en toda eyropa en todo africa e em asia»), «lançaua as mãos da barua que tiinha muy longa e caã e mesauaa toda e daua grandes feridas em seu rosto». Aliás, quatro das intervenções mouras são falas de Albofacem (três de invocação a Deus — duas mais curtas e uma, a última, muito mais longa e significativa), havendo ainda dois diálogos Alcarac/Albofacem, de seis e dez falas, respectivamente. No primeiro desses diálogos, Alcarac, mensageiro da extensão do desastre, presta contas ao seu rei, informando-o do número de homens de que se compunha naquele momento a «az do cural»; e no segundo é o mesmo mouro relator privilegiado dos sucessos maravilhosos que haviam conduzido à vitória dos portugueses. É de referir, nessa versão de Alcarac, a frequência das orações consecutivas, cuja função é ainda a de realçar a coragem inicial dos portugueses («E uy estes portogueses asi reuoluer a lide e ferir tam estranhamente que semelauam diaboos do inferno»), o seu enfraquecimento («e com o gram aficamento que lhis fizeram vyos tam cansados eles e os caualos, como quer que lhis os corações nom falecesem, que mandei por os III mil mogotes que da primeira posera pera os matar e catiuar») e, depois do aparecimento da cruz, a sua força súbita («os caualeiros eram tam uiuos e tam esforçados e os caualos tam ligeiros que hu queria chegar e ferir logo hi

eram. Os golpes deles eram taes que o poynham sas espadas nom auya hy mais mester meestre»).

Na última invocação de Albofacem ao seu deus, são enumerados os bens cuja segurança esta derrota ameaça, processo que realça, de forma expressiva, o alcance da sua desgraça:

*«E deceu de seu caualo e pos os geolhos en terra e o alcoram ante si e os olhos ao ceo, e dise a gram uoz que o ouuyam todos, «Senhor deus poderoso do ceo e da terra e nom ay outro sinon tu soo, Senhor deus que per ti foy escrito este alcoram que deste a mafomede teu meseieyro que nos mostrase por el a nosa uiuenda e o seruiço que te auiamos de fazer, porque deseparaste e mouiste mea nobreza mea honra que eu auia sobrelos Reis dafrica! Senhor porque deseparaste o meu senhorio que era temedo e guardado e todos meus reinos e prouincias e principados! Senhor porque deseparaste a mea boa uentura que sempre por ti ouue em totalas lides que fiz! E porque deseparaste meus filhos que me escusauam nas fazendas que eram iá melhores que mim, e a mea noble caualaria que eu auia prouada em muytas fazendas, e partiste de mim meas molheres e meas filhas que eu amaua sobre totalas cousas! E senhor por se esto perder por algum pecado que tu tees que te eu fiz nom ouueras tu porque estroyr tam altas donas e donzelas de sangue e tam alta fremosura e meterlas en poder dos cristãos! Ora me farás uiuer em présa em coita em tresteza em pesar, peçote pois eu tanto mal recebi que me des conselho e esforço como eu esto posa uingar.» O seu doo e a sa manzela e coyta era tam grande que todos aqueles que o uirom ouuerom por estranho como aquela ora nom moreo.»*

Multiplicam-se as marcas valorativas neste excerto, das repetições emotivas à insistência sinonímica e pleonástica, da quantificação universal à adjectivação valorativa, da intensificação adverbial à expressão consecutiva, que ocorre precisamente no período que antecede e no que segue o discurso do rei, reforçando significativamente o dramatismo da situação.

A utilização do discurso directo como efeito narrativo não é apenas funcional relativamente à caracterização das personagens mas serve ainda, e sobretudo, para reintroduzir no discurso, sob outra forma, as coordenadas ideológicas que o texto reflecte. Por conseguinte, se a capacidade que o narrador demonstra de se passar para o outro lado dos acontecimentos, focalizando atitudes e sentimentos dos mouros, e explicitando-as, pode ser interpretada numa perspectiva humanista, a verdade é que Alcarac e Albofacem não são só exemplares a esse título, isto é, protagonizando conceitos de vassalagem, fidelidade, fé e honra cavaleiresca em tudo idênticos aos que animam os cristãos — a sua função é também a de corroborar a superioridade dos portugueses, pela vitória da sua fé e do seu deus. É que se os cristãos não conseguem impor-se pelo seu aparato

guerreiro — e daí as inúmeras referências ao esforço denodado dos mouros, ao seu número e excelente ordenamento, à sua aparente vitória, à sua fé e mérito de cavaleiros — vêm a consegui-lo pela intervenção da cruz que, reacendendo uma fé já esmorecida, vem fazer cumprir e como que abençoar as palavras do virtuoso D. Álvaro.

A ser assim, não admira que em honra de cavalaria cristãos e mouros se equivalham: «Os fidalgos portugueeses lhi responderom, «Senhor os que aqui estam oie este dia uos faram uencer ou hy todos prenderemos morte»; «Respondeulhi alcarac «Senhor... E mais me praz da morte ca ueer eu a tua que oie nom se podera escusar»; «E se eu erei aqui teedes meu corpo fazede como uos prouuer»; «E o porque se mais manzelava asi era por a lide que lhi partira alcarac e o infante boçaynne seu filho quando o prenderom ca ele hi quisera morer».

O que parece estar em causa não é, pois, a qualidade dos combatentes mas a das forças superiores a que ambos os exércitos se encomendam. Assim o entendem quer os portugueses («logo en si sentiron que a graça de deus era com eles») quer os árabes («diserom que seu mafomede nom auia poder pera os defender»). E esta justificação da vitória pela supremacia de uma das duas fés em confronto é também explicitada pelo narrador, rematando a intervenção dos portugueses («Aqui se compriu o que dise o priol dom aluaro de pereira a el Rei dom afonso...») e o próprio texto («E asi mostra ihezu christo seus milagres contra os que querem yr contra a sa fe»).

2.2.3. e 2.2.4. As últimas sequências do texto — terceiro e quatro momentos — apresentam acontecimentos posteriores à batalha: a passagem de Albofagem para África e os seus preparativos de vingança, intenção nunca realizada pelos sucessivos desastres de que é vítima, num processo de despojamento de que a derrota do Salado fora o motor e que só a morte virá completar («e uiose muy desbaratado de todo e dos Reinos e moreu com pesar»); e finalmente uma desculpa para a não individualização dos «feitos estremados» dos castelhanos e portugueses nestas lides e a conclusão da biografia do Prior, em termos novamente valorativos:

«Dêsi porque este liuro he de linhagees nom faz mester de en el falar de todo saluo dalgumas cousas maravilhosas estremadas em breue que passaram estes linhagees. Este priol dom aluaro de pereyra (...) foy o que pasou alem mar (...) com caualeiros e outras gentes muytas. (...) E recebeu grande onra do gram meestre e de toda a caualaria porque se ouuerom dele por bem seruidos. El ueo daló muy bem-andante e com gram louuor. Este fez muytas fortalezas e logares no Reino, e foy amado dos portugueeses, e jaz em huma capela que el fez por o seruiço de deos que ha nome santa maria de flor de rosa.»

### 3. FORMAS DE SUPERLATIVAÇÃO E ENCARECIMENTO-FREQUENCIA E SIGNIFICADO

Já constatámos que os vários recursos conducentes ao mesmo processo de encarecimento que venho analisando como linha reprodutora de pretextuais concepções ideológicas são mais frequentes em determinados momentos — aqueles que considere os primeiros: preparativos da batalha e seu desenrolar —, entrelaçando-se de forma particularmente significativa em duas sequências: a relativa ao papel desempenhado pelos portugueses e a que constitui uma versão ulterior dos acontecimentos nas fileiras árabes. Adiantei mesmo uma explicação para tal incidência que me parece cuidada em função da coerência por que toda a narrativa aparece sustentada.

Se considerarmos agora o edifício no seu conjunto, havemos de concluir, pelo levantamento de todas as formas de intensificação, que as traves mestras do processo são: a subordinação consecutiva, o encarecimento lexical, a insistência sinónímica, a repetição enfática, a intensidade traduzida pela enumeração de casos, a superlativação adjectiva a adverbial, a gradação crescente, determinados tipos de correlação, a quantificação, o realce das oposições e a expressividade de alguns efeitos de estilo. Resta saber a frequência que apresentam e as diferenças de valor que as suas realizações podem conter.

3.1. *A exclamação*, embora podendo, por si só, funcionar como expressão de intensidade, constitui-se também em séries que compreendem, como elementos de reforço, os advérbios intensificadores, a repetição, a interjeição, a posição de realce, etc.

- Caso curioso é o da exclamação em que a ordem normal dos elementos da oração é alterada, aparecendo em posição iluminada o complemento directo, que se pretende obviamente valorizar:

«*A uera cruz nom teedes aqui!*»

- Introduzindo uma oração exclamativa dependente, «quanto» ganha valor intensivo, reforçando o substantivo abstracto a que se liga:

«*Quem poderia contar quanto mal sofrerom e ouverom aquela ora cristaãos?*»

Neste exemplo, a oração subordinante enfatiza as que dela dependem, contribuindo para a ideia que se pretende impor, numa materialização interrogativa-exclamativa.

- Alguns elementos adverbiais funcionam como intensificadores no interior de frases de intenção exclamativa <sup>10</sup>, reforçando o «muito» que lhes corresponderia numa frase de tipo declarativo. Assim, «tam», «tal», «tanto»:

«...nom ouveras tu porque estroyr tam altas donas e donzelas de sangue e *tam* alta fremosura e meterlas em poder dos cristaãos!»

«Alcarac nom poso creer taaes cousas como me dizes ca som contra natura, quatro mil caualeiros manteer lide a *tantos* e *tam* boos como os meus eram!»

«...pois eu *tanto* mal recebi...»

«e que profaçaua del porque fora uençudo de *tam* poucos cristaãos.»

- Talvez seja ainda de referir o valor afectivo-intensivo do demonstrativo junto de substantivo abstracto:

«Estando em *este* aficamento *qual* ouuides...»

### 3.2. O encarecimento lexical

#### 3.2.1. Adjectivos

Rodrigues Lapa afirma ser «sempre possível conferir maior ou menor intensidade aos conceitos expressos pela maioria das palavras» <sup>11</sup>, acrescentando que «a gradação dos substantivos é determinada geralmente por meio de adjectivos (processo analítico)» <sup>12</sup>.

De facto, concorrendo para o processo que, no texto, nos interessa (a intensificação), há adjectivos de valor afectivo-intensivo, outros que referem apreciativamente uma qualidade cotada acima da média, outros ainda que exprimem uma ordem de grandeza em alto grau ou a ideia de superação de

---

<sup>10</sup> Note-se que a pontuação exclamativa, inexistente à época, quando ocorre, é da responsabilidade de quem veio reeditando os textos.

<sup>11</sup> *Estilística da Língua Portuguesa*, Lisboa, Seara Nova, 1973, p. 140.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

um limite. Em todos eles se subsumam conceitos de qualificação e intensidade.

• Neste sentido, o adjectivo *grande* («gram» ou «grande»), particularmente frequente no texto (cinquenta e quatro ocorrências), ganha expressividade quando os substantivos a que se aplica são de ordem abstracta, caso em que o seu valor passa de extensivo a intensivo:

«em *gram* coyta e tormenta»  
«*gram* lastima»  
«*gram* aficamento»  
«*gram* sanha»  
«*grande* onra»  
«*gram* louuor»  
«*gram* prazer»  
«*gram* présa»

Há usos deste adjectivo que são típicos da fase da língua que o texto documenta, nomeadamente quando *grande* exprime a grandeza de uma quantidade implícita:

«Ali foy a morte deles *grande*»  
«como home que era de *grandes* dias»<sup>13</sup>  
«dise a *gram* uoz»  
«e diziam a *grandes* uozes»  
«e hi moreo *grandes* gentes»<sup>13</sup>

• Por vezes, o adjectivo *grande* liga-se a outro adjectivo intensivo cujo significado nocional básico se neutralizou:

«*grandes* e duros golpes»

• *Alto* é também um adjectivo intensivo quando traduz hierarquia social, em séries que se podem considerar usuais:

«Reis e Infantes e outros *altos* homees»  
«nom ouueras tu porque estroyr tam *altas* donas e donzelas de sangue e tam *alta* fremosura»  
«logo em aquela hora ouue conselho com os seus *altos* homees»

---

<sup>13</sup> Hoje diríamos «muito». Da mesma forma: «em pequena ora» = em pouco tempo.

- *Bom* revela capacidade de intensivo quando o contexto não tolera a sua substituição pelo antónimo *mau* ou seja, quando junto de substantivo abstracto com um valor positivo que só pode concordar com a noção igualmente positiva que *bom* veicula:

«El de todo *boom* contenente falou ali com os seus»

- Caso especial é o do emprego de *bom* como substantivo, equivalendo, pelo sentido, a *alto* como expressão de hierarquia social (*Vd. supra*, adj. *alto*):

«e ouue seu conselho com os boos daquela terra»

- O texto recorre ainda aos adjectivos «*graue*», «*estranho*», «*marauilhoso*» e «*estremado*», já então bem fixados num valor predominantemente intensivo:

«Esto lhis foy *graue* de fazer pelo aficamento grande dos mogotes»

«ui cousas *estranhas* e tam *marauilhosas*»

«os fez *estremados* em beldade de caualaria»

«*destremados* caualeiros»

«feitos *estremados*»

### 3.2.2. Advérbios

O advérbio actua, como intensificador, junto de adjectivos, advérbios ou verbos, exprimindo o alto grau de uma qualidade ou a extensão de uma acção.

- O modelo mais frequente é o de «*muito*» ou «*mui*» + *adjectivo*, *advérbio* ou *verbo*. «*Muito*» ou «*mui*»<sup>14</sup> é um quantificador genérico que, aplicado correntemente a uma qualidade ou acção, traduz a intensidade.

---

<sup>14</sup> Junto de verbos, a forma é «*muito*»; com adjectivos e advérbios, aparece normalmente a forma «*mui*», quando a palavra a que se liga começa por consoante e «*muito*» quando começa por vogal.

— *Com adjetivos:*

- «mui ledo»
- «muyto aluo»
- «mui ledos e esforçados»
- «muyto esforçados e feridores»
- «muy grande»
- «muy doorida»
- «muy coitado»
- «muyto aficado»
- «muyto alvas»
- «muyto esmahados»
- «muy manzelados»
- «muyto aluas»
- «muy grandes»
- «muyto alta»
- «muy longa e caã»
- «muy fremosa e grande»
- «muy desbarafados»
- «muy bem-andante»

— *Com advérbios:*

- «muy fremosamente»
- «muyto a paso»
- «muyto aficadamente»
- «muy grauemente»
- «muyto acerca»
- «muy toste»
- «muy rigamente»

— *Com verbos:*

- «muito amaua»
- «nom lhis ualeo muyto»

• *Bem* pode também aparecer como advérbio intensificador:

- «sabedes *bem*»<sup>15</sup>
- «*bem* coydaua»
- «*bem* poderia dizer»
- «e *bem* tiinha que aqueles acabariam a lide...»
- «*bem* he dentender»

---

<sup>15</sup> Forma corrente utilizada para chamar a atenção do interlocutor, normalmente para encarecer o conteúdo do enunciado.

- Igualmente aptos para essa função são alguns *advérbios de modo em «- mente»*, quando junto de verbos, funcionando, enquanto amplificadores da acção, como modalizadores do discurso:

«Mandou alcarac (...) *acometer* os cristãos (...) *muy rigamente*»<sup>16</sup>

«*Deu das esporas* ao caualo *muy rigamente* contra os cristãos»

«asi que os *nom podiam reger senom muy graumente*»<sup>17</sup>

«a lançar *muyto aficadamente* sas azagayas pera os prender»

«fazendo sas *esporoadas* contra eles *muy fremosamente*»

«E uy estes portogueses asi reuoluer a lide e *ferir tam estranhamente...*»<sup>18</sup>

- Uma expressão que me parece conter um sentido intensivo é «sem conta», negando a possibilidade de objectivar a medida, a grandeza:

«Nembrouse el Rey albofacem de sas molheres e de seus filhos e da caualaria e donas e donzelas e auer *sem conta* que trouuera pera conquerer a espanha»

- O reforço adverbial exerce-se ainda através de advérbios de tempo como «logo» e «sempre»:

«*logo* a esa ora»

«e seeriam *logo* com el»

«nomeados pera *sempre*»

«*logo* en si sentiron»

«nom percades as famas (...) que *sempre* ouestes»

- Outro exemplo de reforço adverbial é o que se constitui com «todo» ou a locução «de todo»:

«nom se perca oie per nosa fraqueza, feiramolos de *toda* crueldade»

«El de *todo* boom contenente falou ali com os seus»

«E poendo sas espadas de *toda* sa força»

«Os mouros uirom que seu feito ya pera mal *de todo*»

<sup>16</sup> Notar que, em todos estes exemplos, há um duplo reforço: «muito» ou «tão...» + *adv.º modo*.

<sup>17</sup> Note-se a perífrase verbal de efeito reforçativo.

<sup>18</sup> Nalguns casos, os advérbios aparecem em construção consecutiva, o que vem reforçar a intensidade que por si só exprimem.

### 3.3. A repetição

Toda a repetição, pelo seu carácter de insistência, é um meio expressivo de intensificação. Considerando a frequência e os efeitos deste processo na narrativa, parece-me dever ser encarado como um recurso estilístico sempre que promove a expressão a um arredondamento retórico que se manifesta pela reafirmação de um facto, pelo empolamento intencional de um sentimento ou de uma acção.

Várias formas de tautologia servem, ao longo do texto, efeitos reiterativos com capacidade expressiva, no que à intensificação diz respeito, muito diferenciada. O fôlego intensivo não decorre da pura repetição semântica ou formal<sup>19</sup>; antes se manifesta em autênticas séries de elementos e ideias reforçadas, cujo relevo intensivo muito deve à convergência de várias das formas de encarecimento de que o texto se serve. Exemplos disso são dois momentos dramáticos já referidos: o discurso de D. Afonso e a invocação final de Albofagem ao seu deus.

#### 3.3.1. Repetição semântica<sup>20</sup>

- Reforço exercido pela relativa:

«por os boos fidalgos *uosos naturaas que aqui teedes*»  
«Ay uelho, oie perdiste *o teu nome que auyas*»  
«*mea nobreza mea honra que eu auia...*»  
«E ali se perderom *todos os seus que con el uiinham*»  
«*os uosos auos donde descendendes*»

- Reforço do possessivo com determinativo:

«*seu dano deles*»  
«*a sa coita dos christãos*»  
«*seu feito deles*»

---

<sup>19</sup> Alguma dessa repetição parece antes decorrer de uma dificuldade linguística, um certo arrastamento que terá a ver com estratégias de repetição textual (a anaforização, por exemplo ao nível da pronominalização e dos substitutos lexicais) deficientes — *Vd. adiante*, primeiro e segundo exemplos em 3.3.2.

<sup>20</sup> Alguns dos exemplos que se seguem são correntes à época, na fase da língua que o texto documenta.

- Reforço pleonástico ou sinonímico (continuidade de sentidos):

- **Séries verbais:**

«Senhor se tu a *mim* talhas a cabeça *eu* nom recebo gram perda  
porque a *mea uilhice he grande e tenho pouco de uiuer*»

«crescia e esforçaua o coraçõ»

«ferindo e deribando»

«sofrerom e ouueron»

«o teu nome seerá espargudo e nomeado»

«deribando e matando e estroindo» <sup>21</sup>

«sofrer e ferir e matar»

«sesmalhauam e britauam e especeauam e talhauam»

«uenci e soioquey... e pasei... e cori...»

- • **Séries nominais:**

«esforçados e feridores»

«muy danosa e muy crua e sem piedade»

«onras e coutos e liberdades e contias»

«de todo prez e honra de caualaria»

«doorida de crueza e de sanha»

«grandes e duros golpes»

«irada de coita e de présa»

«seeremos louuados donra de uitoria de prez de bondade»

«coyta e tormenta»

«presa e coita»

«descoridooe damargura de gimidos»

«cousas estranhas e tam marauilhosas»

«en esta présa e coita e auentuira sen esperança»

«en esta présa e esta coita»

«fortes e esforçados»

«ualentes e esforçados»

«espargudo e nomeado antre todas as gentes...»

«de choro e de lagrimas e de gran lastima e amargura»

---

<sup>21</sup> Neste exemplo, e nos que se lhe seguem, o movimento repetitivo é acentuado pelo polissíndeto. Segundo R. Lapa, «a acumulação da partícula «e» dá impressão de movimento e de exaltação passional», sendo o efeito «uma nota de intensidade afectiva» (*op. cit.*, p. 263 e p. 262).

«en toda lidice e em todo goyuo»  
«pensarom que a lida era fiida e os cristaãos uençudos»  
«coytado de présa de mezquiidade, coberto de mingua de uergonha»<sup>22</sup>  
«a sanha e a yra»  
«prez e honra»  
«mazelada de coita de door e de présa descorodoe»  
«mea nobreza mea honra»  
«en présa em coita em tresteza em pesar»  
«o seu doo e a sa manzela e coyta»

••• Com advérbios:

«oie este dia»  
«oie dia»  
«em pequena ora... e seeriam logo»  
«logo a esa ora»  
«logo em aquela hora»  
«nom deceu a fondo»

•••• Pela negativa:

«nenhuuns nom... nem...»

### 3.3.2. Repetição formal

Cobre desde a simples repetição de palavras à repetição de termos que, separados na frase, ganham assim nova luz, e toda a repetição intensiva com valor estilístico.

Alguns exemplos:

«...az do cural ...az do cural...»  
«leuam galees e osxees... por guarda das galees e ouxees...»  
«e como se hi todos iuntam (...), saem todos iuntamente, deles em magotes e deles... e deles...»  
«Sabedes bem en como... e en como... e en como...»

---

<sup>22</sup> Notar o paralelismo da construção.

«husardes do que husarom»  
«auedes de uencer... e uós auedes de uencer primero»  
«este he o noso dia... e este he o dia ...Este he o dia... E este he o dia... Este he o dia...»  
«As chagas eram muytas de que se uertia muyta sangue»  
«tam grande com o gram trabalho...»  
«Senhor porque... ante parto e depois parto, senhor porque... Senhor porque... Senhor porque... Senhor porque...»  
«catiuos catiuos»  
«entendiam que andauam... e andauam... muy mazelados de muyto mal... e andauam...»  
«Ay deos..., ay deos...»  
«mafomede mafomede»  
«marim marim»  
«...e ainda mais sabede que... E ainda mais sabede que...»

#### 3.4. A enumeração de casos:

Por vezes, é de uma forma de particularização das situações, quase sempre traduzida por uma enumeração de casos, que resultam os efeitos de intensidade:

«os huuns... e os outros... e os outros...»  
«a huuns... os outros... e os outros... e os outros...»  
«...e deles... e deles»  
«os mais... tiinham... outros tiinham...»  
«da uma e da outra parte»  
«a destro e a seestro»  
«os huuns— a huma parte e os outros aa outra»

#### 3.5. A oposição

Outra forma de empolamento significativo tem a ver com o emprego de oposições, quer as traduzidas pelas construções contrastivas, nomeadamente pelas adversativas, quer pelas copulativas, quer ainda por determinados contrastes semânticos que cobrem qualquer tipo de selecção vocabular cuja intenção é de realçar, pela proximidade, oposições relevantes, embora nem sempre antonímicas.

**Construção adversativa:**

«eram tam fóra de força (...) pero os seus corações eram tam fortes...»

«e começarom de fugir, pero esto nom lhis ualeo muyto»

**Construção copulativa:**

«e nom tam solamente... mais...

**Outros tipos:**

«sesmalhauam fortes lorigas»

«Ali se mudou a auentura que estaua de choro e de lagrimas e de gran lastima e amargura a toda a cristaidade e tornôse em toda lidice e em todo goyuo»

«*todo* esto nom lhis ualia *rem*»

«*todo* seu trabalho nom lhis ualia *rem*»

«*todos* conselhos e saberes nom ualem *rem*»

«E se ora ouemos *maa* costalaçom auelaemos *booa*»

Esta linha de encarecimento, embora com manifestações sugestivas, apenas se materializa numa dezena de casos, ao longo de todo o texto.

### 3.6. A quantificação

A quantificação é expressa quer pelos numerais quer pelos pronomes indefinidos. Os cardinais assumem um relevo particular na versão que Alcarac dá a Albofacem dos acontecimentos, numa dúzia de referências cuja função é a de enfatizar a inicial supremacia numérica dos árabes e insistir sobre a mudança que a cruz ocasionara:

«Eramos os que lidauamos com eles XXXVIII mil, em pequena ora nom sarom do campo XII mil.»

A última referência deste tipo fecha o 3.º momento da narrativa, quando as derrotas de Albofacem são explicadas pelo seu desvio de Cristo:

«Dos que acharom mortos e catiuos dos mouros en os campos e seras destas grandes lides de tarifa foram LVII mil e trezentos.»

Não me movendo quaisquer intuítos de análise histórica ou sequer de verosimilhança narrativa, mas apenas o de detecção de uma linha de coesão textual no sentido em que a tenho vindo a explorar, enquadraria algumas das referências numéricas do texto na minha leitura, apostando no seu significado hiperbólico. De facto, é sabido que os numerais podem servir o encarecimento em textos com assunto de carácter maravilhoso. Não cedo à tentação de citar A. Herculano, a propósito de Ourique: «A inclinação aos encarecimentos chegou a elevar o número dos vencidos a quatrocentos mil sarracenos e a fazer intervir na tentativa o próprio Deus. (...) Algumas, porém, das memórias ou coevas ou mais próximas contentam-se de exagerar o número dos inimigos, omitindo as outras particularidades que o tempo foi acrescentando ao sucesso»<sup>23</sup>.

Para além da cardinalidade, a quantificação universal ocupa também um espaço privilegiado no texto, com mais de cinquenta ocorrências, e, embora muito aquém de tal frequência, surgem ocasionalmente quantificadores existenciais:

«todos prenderemos morte»  
«antes todas as gentes»  
«sobre todos os Reis do mundo»  
«de toda a cristandade»  
«de todas partes»  
«todos os mouros»  
«os huuns...»  
«os outros...»  
«e deles...»  
«os mais...»  
«outras gentes muytas»  
«gram parte...»  
«saluo dalgumas cousas»

Por vezes, à quantificação vem juntar-se a intensidade:

«tantos e tam boos...»  
«tam poucos...»  
«e daqueles caualeiros que tiinha pera uuir sobrela espanha, apartou deles cinquenta mil dos melhores...»

---

<sup>23</sup> *História de Portugal. Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de D. Afonso III*, col. *Obras Completas de Alexandre Herculano*, Tomo I, Lisboa, Liv.ª Bertrand, 1980, p. 437.

### 3.7. A oração consecutiva

É um dos modos formais próprios e mais expressivos de que a língua dispõe para intensificar. Na sua base, constitui-se como uma operação lógica que estabelece uma relação específica entre dois factores, realizando-se depois através de esquemas formais próprios da língua. O segundo membro desta relação, isto é, a chamada oração consecutiva, pode aparecer como a consequência objectiva da intensidade da qualidade ou acção que o primeiro membro traduz ou alargar significativamente o âmbito do enunciado, promovendo uma intensificação afectiva da própria intensidade.

A oração consecutiva aparece introduzida pela conjunção «que», ora em correlação com «tam» (dezasete vezes, no texto), «tamanho» (uma vez), «taaes» (uma vez), «asi» (cinco vezes), ora sem correlativos explícitos, mas exprimindo igualmente a intensidade de uma acção ou o grau de uma qualidade (cinco vezes). No último caso, ou seja, na ausência dos correlativos habituais do «que» consecutivo, o sentido intensivo que o segundo membro projecta sobre o primeiro permite, de certo modo, inferir um «tão», «tanto», «tal», «tamanho», «de tal modo que», etc.

• Um tanto convencional é a ideia do indizível, do inenarrável, do impensável, expressa por muitas consecutivas. Tal ideia pode ir da expressão da simples dificuldade até à da completa impossibilidade de dizer ou pensar, por parte do narrador ou de todos os homens, num sentido indefinido <sup>24</sup>:

«ca a sa coita dos cristaãos era tam grande com o gram trabalho  
que auiam que home nom poderia contar»

«asi que o aficamento era tamanho de todas partes que home nom  
poderia mostrar»

«e os que moreremos oie, seeremos con el no seu reino celestial,  
hu ha moradas tam nobres que se nom podem dizer por linguas»

«senhor, si, porque eu ui cousas estranhas e tam marauilhosas que  
por homees nom se poderia pensar»

A consecutiva pode sugerir a ideia de morte como limite (máximo) de uma situação:

«O seu doo... era tam grande que todos aqueles que o uirom  
ouuerom por estranho como aquela ora nom moreo»

<sup>24</sup> A convenção retórica em que assenta tal processo é a *aposiopesis*.

• Há ainda construções consecutivas que contêm comparações, muitas vezes formalmente explícitas. Outras relevam a impossibilidade de «ser tanto» ou a acção levada às suas últimas consequências.

No entanto, e apesar das variações assinaladas, todas, mesmo as que se assumem, quanto ao sentido, como um corolário lógico do que se depreende da oração a que se subordinam, têm por função acentuar o carácter de intensidade duma qualidade, situação ou acção:

«E asi estauam os campos e uales e montanhas cubertas deles que os mais dos christãos tiinham que tanta caualaria de mouros nom podia auer...»

«Estauam tam fremosamente ordnhados (...) que bem era de pensar que posto que todos... VIII dias»

«e a uera cruz en huma asta grande que a podessem uer de todas partes»

«eram tam espesas que tolhiam o sol»

«e dauamse das brochas que as poinham da outra parte»

«e faziam tam bem e tam ygual que todo home que os uiese sofrer e ferir... que os nom louuase de todo prez...»

«os nembros... lhis enfraqueciam asi que os nom podiam reger senom muy grauemente»

«As uozes deles eram bayxas e tam mudadas que se nom entendiam huuns a outros»

«...asi reteniam que parecia que as montanhas se areygauam de todas partes»

«...e fenderonnos que os huuns partiron a huma parte e os outros aa outra»

«muyto aficada asi que as muyto aluas lorigas (...)

«os cristaãos eram tam fóra de força... que os nembros nom podiam reger»

«os seus corações eram tam fortes... que bem he dentender os fez estremados em beldade de caualaria»

«Ali foi a lide tam grande... que todo home que os uise... bem poderia dizer que melhores caualeiros nom auia no mundo»<sup>25</sup>

«Asi foy defendendo sua çaga que todos os que se colherom á az do coral forom en saluo»

---

<sup>25</sup> Locução com valor intensivo, na medida em que acentua uma relação de superioridade universal, explicitando uma extensão espacial máxima.

«E uy estes portogueses asi reoluer a lide e ferir tam estranhamente que semelauam diaboos do inferno»  
«A lide era tam dura e tam espesa... que parecia que os cristaãos nom podiam iá reger os nembros»  
«...uyos tam cansados... que mandei por os III mil mogotes...»  
«Os caualeiros eram tam uiuos e tam esforçados... que hu queria chegar... logo hi eram»  
«Os golpes deles eram taaes que o poynham sas espadas nom auya hy mais mester meestre»  
«...e dise a gram uoz que o ouuyam todos»  
«e se alguns ouuesem contar as marauilhas e bondades... seria o livro tam grande que os que o leesem... se anoiariam»  
«...fazendo sas esporoadas contra eles muy fremosamente asi que todos aqueles que em el topauam nom gaanharom com el prez»  
«...todos faziam tam bem e tam ygual... ca fea cousa semelharia de louuar os huuns e outros nom»

### 3.8. A comparação

A comparação, como processo de intensificação, engloba quer as formas de superlativação quer os casos de «comparação semântica».

*O superlativo relativo* exprime um grau de superioridade de uma qualidade em relação a um conjunto de seres da mesma espécie ou a todos os seres susceptíveis de comparação, por via dessa característica:

«Alcarac ficou na çaga com dous mil caualeiros os milhores que achou na az do coral»  
«e hu uiiam a mayor espesura dos mouros ali entraua...»

Uma das formas superlativas utilizadas aproxima-se, pela repetição, do *superlativo hebraico*, muito embora seja construída, neste caso, com adjectivo:

«dos melhores melhor»

*O comparativo de superioridade*, traduzindo um desnivelamento entre dois elementos, já que acentua a superioridade de um em relação ao outro, pode também ser índice de intensidade, nomeadamente quando a um termo

de comparação com «todo» se junta o determinativo «do mundo» ou uma oração relativa determinativa:

«eram ia melhores que mim»

«...porque desemparasti este uelho coyado de presa... sobre *todos* reis do mundo?»

«...ui III caualeiros portugueeses fazer por guaanhar prez e honra de caualaria sobre *todos* que eu uy e ouuy falar»

A *imagem e a comparação* podem igualmente traduzir intensidade, frequentemente através de um exagero que resulta tanto mais expressivo quanto mais original nos parece a construção.

A expressão comparativa, sempre ligada a outros processos de intensificação já referidos, ora encarece o número dos mouros alinhados para a batalha (a), ora o fragor da luta (b), ora a força dos portugueses (c), ora a natureza e os efeitos da intervenção da «vera cruz», segundo o ponto de vista de Alcarac (d):

- (a) «Outros tiinham que porque os mouros som grandes estrologos que faziam parecença de fantasmas domees de caualo, e nom eram tantos como pareciam»
- (b) «E os gritos deles(...) asi reteniam que parecia que as montanhas se areygauam de todas partes»
- (c) «e andauam per a lide(...) como fidalgos que estauam muy mazelados (...) e andauam per a lide como leões brauos»<sup>26</sup>  
«estes portugueeses (...) semelauam diaboos do inferno»
- (d) «huma cruz que esprandecia como o sol e lançaua de si rayos de fogo»<sup>27</sup>  
«os caualeiros pareciam grandes gigantes e os caualos mayores que grandes camelos»

• Aos efeitos hiperbólicos ligam-se normalmente expressões de quantificação...

«Os mais dos cristaãos tiinham que tanta caualaria... nom podia auer en todo africa nem en asya»

---

<sup>26</sup> O que é objecto de intensificação é a qualidade do sujeito, que se projecta sobre a acção. Note-se que se trata de exemplos de comparação intensiva.

<sup>27</sup> O elemento intensificado é o verbo.

«Estauam tam fremosamente ordinhados pera lidar (...) que posto que todos espanhoes e francezes e alemaes e ingleses ali esteuesem que aueriam lides pera VIII dias»  
«estremados em beldade de caualaria sobre las gentes do mundo»  
«ca oie o teu nome seerá espargudo e nomeado antre todas as gentes do mundo»  
«Ay uelho, oie perdiste o teu nome que auyas em toda eyropa em toda africa e em asia»

### 3.9. A progressão

*Mais e mais, cada vez mais* ou *cada vez mais e mais* são locuções que apresentam a progressão no seio de um processo de desenvolvimento, exprimindo o grau crescente de uma acção:

«...quanto mais olhaua polos mouros, tanto lhi mais e mais crecia...»<sup>28</sup>  
«mais todo esto nom lhis ualia nem, ca os cristãos creciam lhis mais e mais as forças»  
«os mouros refrescauamse mais e mais»  
«os mouros refrescauamse cada uez mais e mais»  
«...refrescauamse cada uez»

*Em resumo* — a expressão encarecedora assume, ao longo do texto, e dentro das possibilidades da língua, as mais diversas formas; torna-se particularmente insistente em determinados momentos, quando várias dessas formas ocorrem, entrecruzando os seus efeitos.

## 4. CONCLUSÃO

Pelo exposto, creio ter demonstrado a presença, na narrativa do Salado, de uma tendência discursiva orientada no sentido de um encarecimento de situações, atitudes e acontecimentos, tendência que se evidencia no segundo momento do texto, onde praticamente se esgotam as formas de intensificação de que a língua então dispunha.

---

<sup>28</sup> Correlação crescente, bem fixada já na língua, que exprime igualmente a ideia de progressão.

AIDA SANTOS

Por outro lado, tal leitura revela ser o texto veículo de uma atitude ideológica que identifiquei como tipicamente cavaleiresca — pelo tratamento de conceitos como a honra, a nobreza, a fé, e pela exaltação de todos os valores senhoriais — e de que se infere o ideal de cruzada anti-islâmica, traduzido aqui por uma fraternidade hispânica cujo objectivo é o de recuperar o património dos antepassados e conquistar nome e bens para os descendentes.

A adequação das formas de encarecimento à ideologia que reflectem marca a coerência interna do texto. Mais ainda — a consistência do processo mede-se pela coesão e articulação das peças múltiplas que o integram. Apontar, dentro da composição do texto, essa articulação retórica, explicitando o funcionamento dessas peças num todo ajustado, foi a única intenção que tive.

*Aida Santos*